

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

ELIS MENDES ANTONIO DA SILVA

ARTE E ESCRITA: UM PROCESSO CRIATIVO EM CALIGRAFIA

BAURU-SP
2017

Elis Mendes Antonio da Silva

ARTE E ESCRITA: UM PROCESSO CRIATIVO EM CALIGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC UNESP/Campus de Bauru, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação do Prof. Dr. José Marcos Romão da Silva.

BAURU-SP

2017

ELIS MENDES ANTONIO DA SILVA

ARTE E ESCRITA: UM PROCESSO CRIATIVO EM CALIGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC UNESP/Campus de Bauru, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação do Prof. José Marcos Romão da Silva.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Marcos Romão da Silva

DARG – FAAC/UNESP

Prof.^a Dr.^a Thaís Regina Ueno Yamada

DARG – FAAC/UNESP

Prof. Dr. José dos Santos Laranjeira

DARG – FAAC/UNESP

Bauru, agosto de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores e funcionários do departamento de artes e representação gráfica pela atenção, dedicação e paciência, por ter nos aguentado nos momentos de estresse, quando estávamos perdidos e por todo conhecimento compartilhado. Agradeço o meu orientador José Marcos Romão da Silva pela compreensão e confiança para realizar este trabalho.

Agradeço a todos os meus colegas pelas risadas, os momentos de descontração, por sempre animar as aulas, pelo apoio e por transformar essa experiência bastante proveitosa e agradável.

Agradeço a minha família por estar ao meu lado nos momentos tristes e alegres de minha vida, pelo apoio e tolerância para que eu continuasse os estudos, e por ter me escutado nas horas de estresse.

Agradeço em especial minha mãe por incentivar os estudos, a nunca perder a fé e a esperança, que a vida é cheia de momentos felizes e tristeza, que podemos ter muitas surpresas boas, a nunca subestimar a capacidade de alguém e que você sempre estará ao meu lado ensinado e dando força para nunca desistir.

RESUMO

Este trabalho apresenta o caminho da poesia visual, suas heranças dentro da arte e como elas podem contribuir para a criação de trabalhos artísticos que dialoguem entre imagem e escrita. A partir desse estudo foram realizadas seis obras por meio da técnica da caligrafia. Para tanto, se realizou experimentações com materiais diversos, tais como *hashi*, pipeta de plástico e tintas variadas. A pesquisa obteve conhecimentos acerca da contribuição da poesia visual para a composição artística, além da maneira como a caligrafia pode ser fonte de inspiração e criação de novas letras.

Palavras chaves: Poesia Visual, Caligrafia, Arte Caligráfica, Letras

ABSTRACT

This work presents the path of visual poetry, its inheritances within art and how they can contribute to the creation of artistic works that dialogue between image and writing. From this study six works were accomplished using the calligraphy technique. Experiments were made with various materials such as *hashi*, plastic pipette and various inks. The research obtained knowledge about the contribution of visual poetry to artistic composition, as well as the way in which calligraphy can be a source of inspiration and the creation of new letters.

Key Words: Visual Poetry, Calligraphy, Calligraphic Art, Letters

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Guillaume Apollinaire: Caligrama.....	8
Figura 2: Exemplos de letras bastardas.....	11
Figura 3: Exemplos de estilos de caligrafia, sendo a primeira letra gótica e a segunda letra cursiva.....	12
Figura 4: Obra Luxo/Lixo do artista Augusto de Campos.....	17
Figura 5: Exemplos de rastros na caligrafia.....	19
Figura 6: Testes e materiais usados para desenvolver a obra Nuances.....	23
Figura 7: Obra “Nuances” finalizada.....	24
Figura 8: Alguns estudos da obra.....	25
Figura 9: Obra “Emaranhado de Letras”.....	26
Figura 10: Estudos da composição e escrita.....	27
Figura 11: Obra “Documental”.....	28
Figura 12: Experimento e materiais do trabalho.....	29
Figura 13: Obra “O Termo E Sua Fisionomia”.....	30
Figura 14: Alguns estudos sobre papel, tinta e instrumento para a confecção da obra.....	31
Figura 15: Obra “O Sangue”.....	32
Figura 16: Obra “O Mau”.....	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PRELÚDIO DA CALIGRAFIA, CALIGRAMAS E POESIA CONCRETA	10
3. IMPORTÂNCIA DA POESIA VISUAL NA CONSTRUÇÃO PLÁSTICA.....	14
4. A CALIGRAFIA E SUAS COMPOSIÇÕES ESTÉTICAS	18
5. INSPIRAÇÃO E PROCESSO CRIATIVO.....	20
5.1. NUANCES	22
5.2. EMARANHADO DE LETRAS.....	24
5.3. DOCUMENTAL	26
5.4. O TERMO E SUA FISIONOMIA	28
5.5. O SANGUE	30
5.6. O MAU	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

A relação entre letras e imagens está no próprio surgimento da escrita. As letras desenvolveram-se a partir de grafismos, como é possível verificar na escrita cuneiforme, nos hieróglifos egípcios e chineses. Na história da arte ocidental o alfabeto possui diversas heranças culturais até chegar aos dias atuais.

Algumas culturas que influenciaram o alfabeto ao longo dos anos foram os Fenícios, Gregos, Etruscos e Romanos, sendo que este último povo desenvolveu vários modelos de escritas, como as letras Meia-Uncial e Maiúscula Rústica. Esta segunda tipografia foi bastante empregada nos manuscritos religiosos da Idade Média (HARRIS, 2009).

Dessa forma, ao analisar algumas características dos manuscritos, é possível perceber que esta tipografia, que os monges utilizavam nos textos, já trazia uma beleza por sua ornamentação e seu traçado.

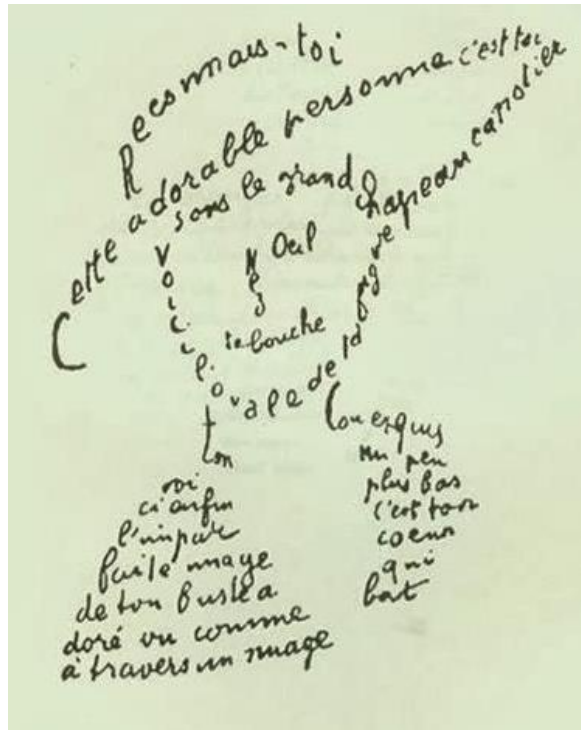
Além disso, as iluminuras - que são as letras que iniciam os capítulos do livro - trazem uma beleza um tanto curiosa, pois elas são letras bem grandes comparadas ao corpo do texto, costumam ser coloridas para terem maior destaque, e podem ter inspiração em pessoas, santos e animais. Estes artifícios utilizados promovem harmonia, destaque e maior apreciação do texto por sua beleza (STRICKLAND, 1999).

Todo esse trabalho e atenção aos detalhes para fazer os manuscritos religiosos tinham um propósito, pois, por serem sagrados e conter a palavra de Deus, precisariam refletir o divino, a sacralização, e portanto, todo cuidado na concepção desses manuscritos desde a capa até o conteúdo escrito. Observa-se, portanto, que na Idade Média tinha-se um olhar mais cuidadoso e refinado para as letras, as quais traziam beleza e contribuía para o significado de um texto. Apesar da escrita continuar a desenvolver e a criar novas tipografias diferentes e modernas – como as escritas bastardas da antiguidade, e mais modernas como a Copperplate e Itálicas – por muitos anos não se trabalhou a escrita na literatura de forma artística.

Na Arte Moderna, a relação arte e escrita é resgatada na literatura por meio de Guillaume Apollinaire, poeta vanguardista do século XX, bastante conhecido por seus poemas sem pontuação e configuração inovadora nos textos, pois ele apresenta palavras e frases de modo que dialoguem com o escrito. Por exemplo, ao observar a figura 1, percebe-se que as palavras formam um desenho de uma mulher, na qual o

poema poderá simplesmente descrever “essa pessoa adorável” (*cette adorable personne*), mas usa as palavras como contornos, como *nez* no lugar do nariz, *bouche* na boca – as palavras nomeiam e desenham ao mesmo tempo.

Figura 1: Guillaume Apollinaire: Caligrama.



Fonte: <https://gentlyblown.wordpress.com/2014/01/04/guillaume-apollinaire-caligrama-i/>. Acesso em: 25 Fev. 2017.

Assim Apollinaire, ao construir os poemas desta forma, trouxe uma nova maneira de trabalhar/escrever a poesia, pois ele não traz somente o escrito mas também a parte visual, na qual ele introduz uma espacialidade ao dispor as estrofes em uma configuração que possa representar algo. Seus caligramas contribuíram assim para o surgimento da poesia visual (SILVA, 2002).

Logo, uma outra referência para este trabalho é a poesia concreta brasileira que surgiu nos anos 50, no período do concretismo – movimento de arte que coloca conceitos intelectuais por meio de formas geométricas em movimentos e cores artificiais, assim abandonando a representação de maneira realista e emocional. Com isso, na poesia concreta, ao trazer alguns elementos do concretismo por meio das palavras, alguns poetas elaboravam seus textos fora do convencional, ou seja, eles não faziam o poema em versos ou estrofes, mas colocavam a palavra como forma e

imagem, transformando a letra em arte e criando novos estilos e formas de utilizar a escrita.

Portanto, como a poesia visual poderia contribuir para o desenvolvimento de trabalhos em caligrafia, que articulem entre imagem e escrita? Além dessa pergunta, esta pesquisa busca também investigar como a poesia visual pode inspirar novas maneiras de se trabalhar com as ferramentas caligráficas, trazendo diferentes efeitos visuais e possibilitando novas formas de composição e letras.

Sendo assim, ao estudar esses dois movimentos da poesia visual, foi possível compreender a maneira como a palavra pode ser empregada, a beleza que ela pode expressar, como funciona a elaboração de novas letras, e também transformar a escrita como imagem e arte. Tudo isso contribuiu bastante para a criação das obras, pois, ao serem desenvolvidas, foi possível ver quais foram as inspirações para a criação de letras artísticas.

A escolha do tema caligrafia para o desenvolvimento dos trabalhos práticos teve motivação pessoal, em consequência de um gosto por esta área das Artes Visuais.

2. PRELÚDIO DA CALIGRAFIA, CALIGRAMAS E POESIA CONCRETA

Antes de começar a falar sobre poesia visual, é importante se ter um entendimento maior sobre a história da caligrafia, pois para compreender as diversas maneiras como a palavra pode ser empregada, é necessário ver quais seriam as influências do alfabeto, no nosso caso o ocidental, e como a sociedade pode direcionar na maneira que a escrita é trabalhada.

Com isso, o primeiro alfabeto ocidental que se tem relato, foi criado pelos Fenícios e posteriormente remodelado pelos gregos, em seguida pelos Etruscos, e por fim, os Romanos. Como a cultura romana adotou diversos conhecimentos dos Etruscos, como o alfabeto, os Romanos acabaram desenvolvendo e aperfeiçoando diversas escritas, sendo responsáveis pelo surgimento das letras cursivas, usadas para escritas mais rápidas, e a maiúscula rústica, usada em manuscritos.

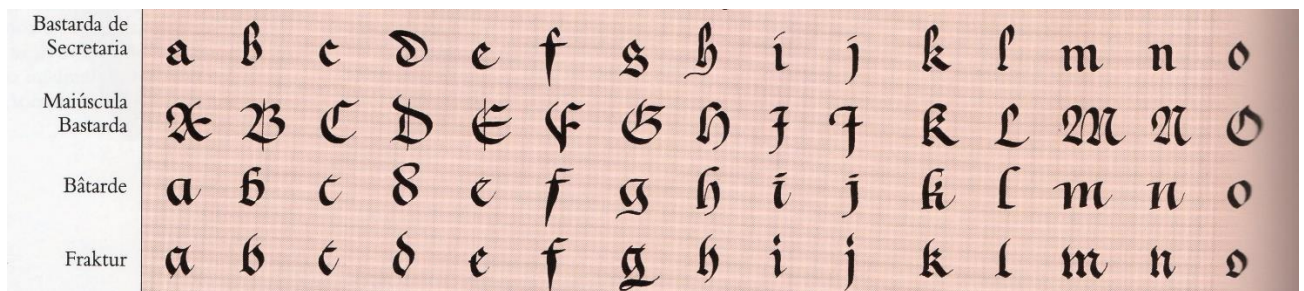
Essas modificações que o alfabeto ocidental, os com base no latim, sofreram ao longo dos anos, tiveram influências sociais e tecnológicas. Na parte social a escrita acaba sendo diferenciada entre formal e não formal, sendo que a primeira era considerada um artigo de luxo, pela sua complexidade de execução da escrita, e muito utilizada nos textos religiosos (manuscritos), isso dentro da cultura romana; já a não formal utilizava a letra cursiva para documentações e questões diárias, por ser uma escrita mais ágil e menos complexa. A parte tecnológica está mais associada ao aperfeiçoamento da ferramenta, como por exemplo, a criação das penas metálicas. Assim os materiais utilizados para escrever eram muito importantes, porque a partir deles era possível obter um tipo de resultado. David Harris explica como o tipo de ferramenta e papel são detalhes importantes para escrever um determinado alfabeto.

Alguns materiais e instrumentos são mais adequados para uma construção exata de uma escrita do que outros. Por exemplo, a maioria dos escribas anteriores a 1500 utilizava pergaminho ou velino, que permanecem até hoje como duas das melhores superfícies para se escrever. Frequentemente, a ferramenta de escrita é de igual importância. Para uma letra Bastarda(...), seria difícil conseguir traçar as linhas em fio com qualquer outra ferramenta que não uma pena de ave de corte muito afiado. (HARRIS, 2009, p. 7).

Por meio de todas essas influências, principalmente as que Harris nos aponta, algumas letras acabam sofrendo alterações ao longo do tempo, por uma questão

cultural - o acesso e o conhecimento que se tinha na época. Um exemplo dessas diversidades de escritas são as letras góticas cursivas, também conhecidas como letras bastardas. É difícil definir este tipo de letra, pois não possui um padrão, ou seja, em cada país ou cidade há sutilezas no estilo dessa escrita, mas alguns alfabetos, é mais fácil notar essas diferenças, como no francês, no alemão e no inglês. Outra característica que se apresentou nesse tipo de alfabeto foram as diferenças entre letras maiúsculas e minúsculas, com as quais seria possível iniciar uma sentença no texto e definir um nome próprio.

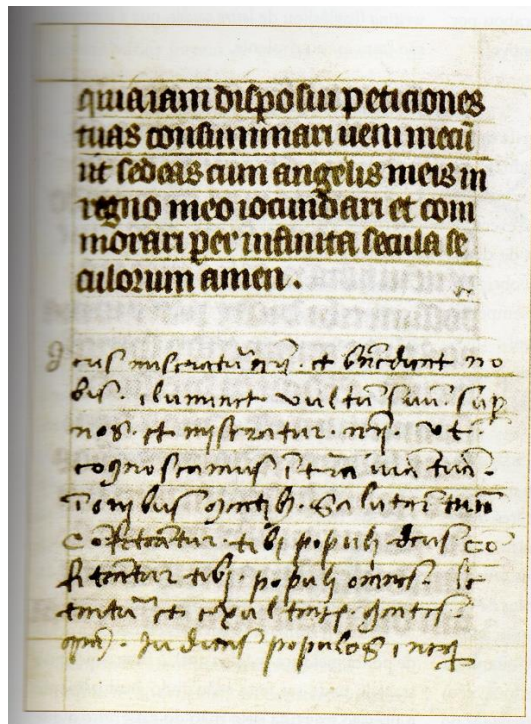
Figura 2: Exemplos de letras bastardas.



Fonte: HARRIS, 2009, p. 120.

Esses são alguns exemplos dos diferentes tipos de alfabetos que surgiram na Antiguidade e Idade Média. Esse período da história é bastante rico e vasto dos tipos de letras que se manifestaram e como eles eram utilizados. Como principais exemplos, tem-se as letras Góticas utilizadas em documentos e manuscritos importantes, e as cursivas, usadas em questões diárias pela sua agilidade e espontaneidade, da qual dava maior liberdade na execução da escrita, sendo assim mais “solta”.

Figura 3: Exemplos de estilos de caligrafia, sendo a primeira letra gótica e a segunda letra cursiva.



Fonte: HEITLINGER, 2010, p. 227.

É possível notar que a caligrafia não possui um único estilo, existindo diversas variações de um mesmo alfabeto, que podem ter influência de uma cultura, status social e o desenvolvimento da sociedade. Todos esses pontos são importantes porque além de inspirar alterações de uma letra, também motivam formas diferentes de se escrever, podendo gerar um novo estilo de alfabeto, como por exemplo as letras cursivas. Logo, a escrita se torna uma maneira do ser humano se comunicar e registrar assuntos ou sobre sua história.

Com isso, durante algumas décadas, a escrita foi mais usada como caráter documental, perdendo um pouco da essência artística. No início do século XX, a escrita volta a ter relação com a arte, e começa a ser explorada a maneira que a caligrafia pode ser utilizada dentro da literatura, sendo Apollinaire, um artista de referência na parte poética, por inovar na construção dos poemas.

Assim o artista Guillaume Apollinaire, crítico de arte do século XX, foi considerado um artista de vanguarda pela sua criatividade e inovação do texto poético ao trazer uma nova estética para a poesia, na qual não trabalha somente a parte textual, mas também a visual.

Seus textos poéticos traziam uma disposição gráfica inovadora, na qual, o escrito formava um símbolo, onde poderiam representar objetos e a figura humana, dependendo do significado e do contexto do texto. Assim aliando o visual e o conceito do texto, traziam complementação e reforço no sentido do que estava sendo transmitido.

A palavra torna-se um objeto/símbolo a que se refere, pois Apollinaire explora a forma da poesia, na qual ele acaba desenhando com a palavra. Esta arte chama-se caligrama, o mesmo nome que Apollinaire empregou como título de seu livro “*Calligrammes*” (traduzido para o português, Caligramas), o qual apresentava esse novo elemento visual poético (GIVERNE, 2017).

Portanto, os caligramas de Apollinaire iniciam um caminho importante para a poesia visual, pois ele traz uma outra maneira de pensar e trabalhar a poesia, aonde a palavra possa formar uma imagem. Dessa forma seus caligramas contribuíram para a poesia concreta na década de 1950, movimento de arte que começa a trabalhar a letra como arte e imagem.

Mas antes de abordar sobre como surgiram os poetas concretistas é importante situar-se no que ocorria na história mundial e brasileira, pois ao entender o contexto histórico, é possível compreender algumas características de um movimento de arte e porque ela acabou surgindo.

De acordo com o site Itaú Cultural, no contexto global, a Europa começa a se reerguer da 2ª Guerra Mundial e nesse período começa a ter mudanças políticas no mundo todo, da qual o planeta terra se divide em “dois”, que seria a divisão entre os capitalistas, comandados pelo Estados Unidos, e comunistas, norteados pela antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Um dos marcos desse momento histórico, que foi chamado de Guerra Fria, foi a construção do muro de Berlim na Alemanha.

Já no Brasil se vivia um momento “diferente” do pós-guerra, no qual o governo de Juscelino Kubitschek passava por um grande desenvolvimento econômico, cujo incentivo industrial e aumento da renda brasileira proporcionaram maior acesso ao telefone, aos televisores e automóveis, e houve também a construção de Brasília, cidade que se tornou a capital do país.

Além desses elementos o governo neste período incentivou a atividade editorial ao conceder isenções de impostos em livros e subsídio para a indústria de papel. Com

isso, o crescimento que ocorria no país nos anos 50 exerceu bastante influência na poesia concreta brasileira.

Depois do governo de Juscelino, o Brasil começa a passar por várias reviravoltas na política, como a renúncia de Jânio Quadros e o golpe militar. Muitos brasileiros estavam insatisfeitos com as diretrizes políticas e a economia, pois neste período o país passava por um momento de crise financeira. Assim diversos estudantes, principalmente os universitários, se tornam mais ativos politicamente pois a universidade era um meio que possibilitava o questionamento e a reflexão sobre o que estava acontecendo no Brasil.

Dessa forma, o fomento intelectual, reflexivo e a valorização da cultura brasileira, deram origem ao Teatro de Arena, lugar onde artistas como Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari utilizam o termo poesia concreta pela primeira vez no Brasil. Esses três artistas também criaram a revista Noigandres em 1952, revista de vanguarda, importante para diversos poetas concretistas, onde muitos publicaram as suas experimentações poéticas.

3. IMPORTÂNCIA DA POESIA VISUAL NA CONSTRUÇÃO PLÁSTICA

A poesia visual possui algumas características que tornam possível identificá-la, como diversas artes de um determinado movimento artístico. Em vista disso, o elemento principal desta arte é transformar a escrita num ideograma, ao “brincar” com a estrutura da palavra e os espaços em branco. Assim como Oliveira nos aponta sobre o texto poético

A forma do texto poético é própria. Ele já é um desenho, mostra-se em verso, configura um espaço novo no pergaminho, na página ou na tela, tempo e espaço se buscando, se sobrepondo. Os primeiros teóricos perceberam este conluio de forma e de código. (OLIVEIRA, 1998, p.12-13).

Dessa forma, os poetas concretistas rompem com o estilo tradicional de fazer uma poesia, ou seja, ela não fica mais “presa” nos versos, nas estrofes ou na métrica, trazendo uma mudança de como escrever um texto poético, ao transformá-la num “objeto” e trabalhar os espaços em branco de uma superfície. Essas diversas formas

que o poema possa ter não se limitam somente num formato de significação do texto, como os caligramas. Para os concretistas esse novo estilo seria mais versátil ao trabalhar os elementos visuais, que para eles possibilitam várias interpretações, pois independentemente de onde o leitor possa iniciar a leitura do texto, o mesmo irá conseguir entendê-lo.

Assim, a poesia visual pode nos dizer muito usando apenas cores, formas e pelo seu traço, tudo isso utilizando a palavra como principal matéria prima. E uma maneira de compreender sobre o texto seria por meio das referências e dos conhecimentos que temos, os quais buscamos de maneira inconsciente em nosso intelecto.

A mente foi um elemento importante de como a poesia visual foi se construindo. O que os poetas começaram a fazer foi “trazer” a imaginação para o mundo real, ou seja, eles “pintam” as imagens numa superfície com palavras.

Uma maneira de analisar como esses signos¹ se formam em nossa mente é por meio da semiótica, a qual em sua teoria, no caso a peirceana, trata sobre três momentos ao percebemos um signo. O primeiro momento é o que nos desperta interesse, não tendo ainda um caráter informativo, apenas chamando atenção. O segundo já traz algumas informações como cores e formas, mas não chega ao nível de interpretação. O terceiro já depende do conhecimento que temos, pois é neste momento que analisamos e interpretamos uma obra.

Esse princípio da semiótica - da primeiridade, secundidade e terceiridade – nos permite entender sobre a recepção do signo até sua interpretação. Contudo não se limita somente a num caráter físico, mas também no âmbito mental, pois em nosso intelecto construímos imagens, por exemplo quando lemos algo. Não se deve ater apenas na compreensão do objeto físico, sendo a imaginação importante, especialmente porque faz parte do ser humano, assim como Oliveira nos esclarece

A imagem tem um primeiro sentido, o de vulto, representação, figura real ou irreal que evocamos ou produzimos com a imaginação, imagem como forma, o que nos aparece diante dos olhos. As imagens pintam objetos, despertam emoções e estão numa linguagem que aspira à visualidade. (OLIVEIRA, 1998, p. 41).

¹ O objeto de estudo dentro da semiótica, que está relacionado a representação de algo, por exemplo, o desenho de um sol representado a estrela solar.

As poesias antigas já incentivavam a imaginação, pois cada palavra remete a algum objeto existente ou aos sentimentos – como raiva, dor, desespero, alegria - essas emoções, que são subjetivas, são transmitidas em palavras e dependem da experiência de cada pessoa para sua compreensão. Dessa forma a escrita, além de estimular a visualidade mental, também pode trabalhar a sinestesia².

Vendo essas etapas que ocorrem durante a leitura de um texto, os poetas visuais começam a transpor esse aspecto mental e sinestésico para a escrita. Uma maneira de conseguir esse objetivo é brincar ou mudar a estrutura da palavra dentro de um espaço.

Alguns desses elementos é possível notar na obra “Luxo/Lixo” de Augusto de Campos, na qual essa nova utilização do espaço de uma superfície é usada, transformando duas palavras em uma, ou seja, se observamos de longe nota-se a palavra “lixo” escrita, mas se nos aproximarmos percebe-se que “lixo” está formada com a palavra “luxo”, dessa maneira o termo “luxo” constrói o “lixo”. Assim o artista “brinca” com esses dois termos, pois tudo irá se tornar lixo algum dia, mesmo os artigos de luxo, e também os itens luxuosos muitas vezes são impossíveis de usar no dia a dia, com isso se tornando obsoletos.

Um outro ponto interessante nesta obra é o estilo da letra das duas palavras que são diferentes, onde “luxo” apresenta uma tipografia mais trabalhada/rebuscada a fim de representar algo mais belo e requintado, já no caso do “lixo”, possui uma estética mais simples, dando o aspecto de algo sem valor e interesse.

² Palavra ligada ao caráter psicológico, a qual está relacionada a sensações simultâneas de diversos caracteres, podendo ser de textura, cheiros, gostos. Acessado em: DICIONÁRIO AULETE. **Sinestesia**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/sinestesia>>. Acesso em: 13 Ago. 2017.

Figura 4: Obra Luxo/Lixo do artista Augusto de Campos.



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra33431/luxo>. Acesso em: 29 Jun. 2017.

Em vista disso um elemento que alia no processo da poesia visual é a metáfora, porque esta figura de linguagem permite analogias, conseqüentemente dando maior autonomia para a criação do texto poético, como visto na obra de Augusto de Campos, como palavras distintas em seus significados podem se aproximar no sentido/entendimento.

Portanto, é possível perceber como a elaboração da poesia visual é bastante complexa e carrega muitas informações em seus textos, pois com o uso da metáfora unida com as diversas maneiras que se pode utilizar o espaço de uma superfície, nos permite uma versatilidade na criação de um trabalho artístico, o qual a escrita é um elemento principal da obra. Logo o texto pode ter diversas formas ou sentidos, dependendo como foi feita e os materiais utilizados na confecção do trabalho em si. Como Oliveira nos escreve

A Poesia, (...), se desenha na página, tanto chamando a atenção para sua materialidade física quanto para as idéias que a conformam. Se manifestadora de formas, estas se mostram significativamente variadas; se portadora de conteúdo, este se manifesta por algum aspecto de visualidade. (OLIVEIRA, 1998, p.33).

Sendo assim a palavra é um componente essencial para a poesia visual, que pode ser aplicada pelo meio digital ou manual, dependendo como o artista almeja que seja sua obra. Dentro das técnicas manuais, há a caligrafia, uma arte da escrita

artesanal, da qual pode-se obter letras belas ou mais rústicas, podendo variar de ferramenta e o modo com que a mesma será utilizada.

Como foi observado, a escrita poética rompe com seu estilo tradicional e inicia outros formatos. Ela também começa a ser utilizada como desenho ou símbolo, transformando o imaginário no “real”. Eunice Ribeiro aponta essa questão, de como a palavra remete a imagens descrevendo que, “a escrita fonética, manuscrita ou impressa, não deixa de corresponder a um gesto plástico, capaz de, em certos casos, suscitar o fascínio visual” (RIBEIRO, 1999, p.21).

Logo, a partir da poesia visual, a palavra principia novos caminhos ao trazer outras estruturas e transformar o poema em objeto, como se tornasse o texto poético numa pintura, ao trazer imagens com as palavras.

4. A CALIGRAFIA E SUAS COMPOSIÇÕES ESTÉTICAS

O interessante da caligrafia é que ela carrega muito da personalidade da pessoa que a executa, pois, o ato de escrever é a execução de traços e linhas e esses componentes deixam as letras únicas, por mais que se esteja “copiando” um determinado alfabeto. Logo, os trabalhos possuem uma exclusividade por trazerem essa singularidade do artista. Podemos chamar o calígrafo de artista, pois a caligrafia é uma arte expressa por meio de grafismos, possuindo uma estética harmônica nas obras desenvolvidas e esse traçado manuscrito não possui retoques, pois é uma escrita realizada de maneira contínua, ou seja, em um “único” risco.

Apesar de diversos trabalhos caligráficos apresentarem uma estética bastante agradável, é possível desenvolver projetos nos quais as letras podem ser mais rústicas, grotescas, ilegíveis e transmitir uma sensação de dureza - esses seriam alguns exemplos do que poderíamos fazer com a palavra manuscrita. Por mais que não possamos refletir sobre essas possibilidades, a escrita pode nos proporcionar grande versatilidade nas composições - tudo isso, irá variar da ideia ou sentimento que serão transmitidos ao espectador.

O interessante em utilizar a caligrafia para confeccionar uma obra é como o traçado das letras agrega para a significação do trabalho, pois trouxe uma singularidade para aquela produção - também é possível desenvolver esses conceitos

de personalização da letra no meio digital, mas irá perder esse caráter gestual do artista, pois o calígrafo trabalha a mão, o pulso, o braço e até o corpo durante a escrita.

Esses são pontos importantes, pois dependendo da ferramenta que será usada irá variar a aplicação da pressão sobre o instrumento, seu manuseio e o gestual, realizados no ato de escrever. Isso irá influenciar no resultado da produção, já que alguns alfabetos necessitam o movimento do braço todo. Por exemplo, se fizermos uma palavra com o pulso “colado” no papel poderá sair curvado, disforme e/ou muito junto, mas se esse não é o resultado almejado, uma maneira de realizar a escrita é com o braço mais solto e leve, pois assim terá um resultado mais fluido e fácil de controlar.

Em vista desses resultados, uma outra estética que se pode obter durante a escrita são as “falhas” que acontecem em uma palavra, ou seja, determinados pontos de uma letra podem ter mais ou menos tinta ou também as linhas podem apresentar algumas brechas na união de uma palavra. Essas características, que a escrita possa conter, são uma “marca” da caligrafia, pois esses rastros deixados propositalmente ou não, tornam a estética do trabalho única, porque é impossível reproduzir fielmente esses elementos novamente. Eles até podem ter resultados parecidos, mas não iguais.

Figura 5: Exemplos de rastros na caligrafia.



Fonte: Acervo pessoal.

O interessante de se estudar a caligrafia é que proporciona o entendimento sobre anatomia de uma letra, onde pode-se acrescentar ornamentos em uma palavra e como compor a escrita dentro de um espaço. Ao compreender essas questões do funcionamento da escrita, é possível perceber as versatilidades de uma tipografia, ou seja, como estilizar ou até criar um alfabeto, mas sem perder a essência de uma letra.

Com todos esses detalhes para a confecção de um trabalho, é preciso muitos estudos e testes para chegar ao resultado final da obra, pois a arte caligráfica depois de feita, muitas vezes não é possível consertar, assim como a escrita do cotidiano, então uma produção exige muito estudo para passar para o definitivo.

Portanto, a caligrafia exige muita prática, paciência e estudo para dominar essa arte, sendo algo complexo e que possui diversos detalhes para sua execução, que vão desde onde iniciamos o traçado de uma letra, a fim de conseguir escrevê-la, até o modo como utilizamos as ferramentas, para não danificar o instrumento ou/e a superfície. Assim é necessário conhecimento para inovar nas composições estéticas de uma obra caligráfica ou para modificar um determinado traçado.

5. INSPIRAÇÃO E PROCESSO CRIATIVO

A pesquisa até aqui apresentada norteou o meu trabalho de criação artística, o qual será exibido e explicado mais adiante, cujo resultado foi de enorme auxílio no processo de reflexão sobre os mesmos.

Algumas indagações que vou fazer são muito particulares, pois refletem o modo como compreendo o processo criativo, até porque o assunto bastante complexo e não é meu intuito entrar nas questões técnicas. Com isso, será um relato sobre minha experiência produtiva, a qual pretendo transcrever e explicar o que se passou pela minha mente e como busquei transpor em palavras algo abstrato e subjetivo para mim.

Assim, como explicar as reflexões e inspirações que podem passar pela mente? Sendo algo complexo, efêmero, único, transitório e intenso, todos esses elementos são muito pessoais, e alguns indivíduos podem ter essas sensações ou não. No meu caso, esses sentimentos citados são os que percebo quando estou refletindo sobre algo, podendo ser sobre alguma ideia de trabalho artístico ou até mesmo sobre a vida. A mente/imaginação, se for estimulada, é bastante

enriquecedora, e sua limitação está em nós e não na capacidade da mente. E para contribuir com essa “riqueza”, tem-se que exercitar sempre. Uma maneira seria sempre buscar conhecimento e aprendizagem, para auxiliar na forma que enxergamos o mundo e como agimos. Assim o nosso “EU” é construído a cada dia, e a experiência agrega constantemente em nosso ser.

Claro, tudo isso que disse é muito subjetivo e pessoal, até porque cada ser humano é único, e essas sensações abordadas inicialmente são o que sinto hoje. Amanhã podem ser outras emoções, afinal estamos sempre aprendendo e mudando.

Dessa forma, como o conhecimento é importante para a execução de algo, uma maneira que faço para elaborar algum trabalho é buscar referências, podendo ser por meio de livros, da internet ou até mesmo de alguma experiência pessoal, sendo um aprendizado e/ou sentimento. Com isso, depois de definir um tema, começo a refletir como poderia tratar do assunto e quais as técnicas com as quais iria conseguir desenvolver a ideia.

Depois de pensar e pesquisar bastante para obter um referencial de ideias ou assuntos, decido qual será o conceito da produção e começo a rascunhar para saber como poderia desenvolver o trabalho. Assim, faço diversos esboços com lápis e papel sulfite para ver como irei elaborar a obra.

Logo após ter os croquis da obra, início testes sobre os materiais que serão utilizados, por exemplo, qual tipo de tinta, papel, instrumento e local mais adequados para a confecção do trabalho. Com isso, começo os estudos para saber o que irá se aplicar mais ao conceito do projeto.

Com a caligrafia não muda muito a parte de inspiração e processo de um trabalho, porém exige mais cuidados sobre a escolha da superfície. No caso do tipo de papel, onde será aplicada a tinta, dependendo da textura e gramatura da folha obtém-se resultados diferentes, como uma escrita manchada, borrada ou letras com pouco legibilidade, conforme a tinta é absorvida pelo papel.

E para saber qual tinta será melhor, são realizados diversos experimentos para saber se é preciso mais consistência ou mais diluição para conseguir determinado efeito e estética dentro daquela arte caligráfica. Dessa forma a escolha do papel é muito importante para desenvolver um estilo tipográfico porque é a partir dele que se definirá qual será o resultado da obra.

Um outro ponto relevante para a elaboração da obra é definir qual ferramenta será usada, pois é por meio dela que se obtém as diferentes espessuras, estéticas do

traçado e qual será ideal para escrever para que atinja a plástica que se almeja. Esses instrumentos caligráficos podem ser qualquer coisa que possibilite a escrita, como por exemplo, um *hashi*³ para conseguir traçado semelhante das penas de pontas quadradas, muito empregadas nos estilos dos alfabetos góticos.

Portanto, depois de escolher quais materiais serão utilizados, começo a pensar e estudar o estilo tipográfico a ser utilizado naquela obra, o qual tem como objetivo complementar a significação da produção. Com isso, as letras podem ser estilizadas, ou se basear em algum alfabeto, podendo sofrer alterações ou adicionar ornamentos na frase, tudo isso tem com a finalidade de agregar no conceito da palavra e na estética.

Desta maneira, após fazer as devidas experimentações e testes para saber como realizar a obra, somente então é realizado o trabalho definitivo. A arte caligráfica é algo que exige paciência e bastante testes antes de iniciar a produção final.

A compreensão sobre os poemas visuais se torna um forte aliado para a construção e idealização dos trabalhos artísticos desta pesquisa, pois, a poesia visual nos traz um novo olhar para as diversas formas de criação e composição das frases, e algumas características desse estilo de arte são as novas configurações espaciais, conceitual e materialização da palavra - esses seriam alguns pontos para inspirar e possivelmente utilizar na confecção dos projetos.

Desta maneira, ao aliar esses estilos de arte, poesia visual e caligrafia, inspira-nos para a composição e como desenvolver a palavra manuscrita numa determinada superfície, na qual elas possam agregar e fortalecer no significado da obra, pois, ao trabalhar de diferentes maneiras o conceito dos vocábulos, é possível transformar a palavra em objeto, assim a tornando em algo plástico.

5.1. NUANCES

A palavra “nuances” é um termo que, em sua acepção, nos fala sobre as possíveis sutilezas, podendo ser da vida ou de objetos, em que esses pequenos

³ Palavra japonesa que se refere ao par de varetas pequenas, normalmente de madeira, utilizado como talhares na cultura oriental. Acessado em: DICIONÁRIO MICHAELIS. **Hashi**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=hashi>>. Acesso em: 13 Ago. 2017.

detalhes nos transmitem sensações singelas. Assim, por meio desta obra é possível perceber minúcias, como por exemplo, das cores, das formas, do traço, dos pigmentos, das texturas e da continuidade da escrita. Esses pequenos relevos, que o manuscrito possui, trazem uma leve aparência tridimensional, como se essa nuance pretendesse ganhar forma ou vida. Apesar dessas sutilezas, não é uma produção delicada, pois o traçado da escrita exprime um aspecto rústico, devido às falhas e às ondulações que as letras apresentam.

Em vista disso, para a confecção da obra foram realizados vários experimentos com tintas e cores, para saber quais seriam mais adequadas e que causariam tais sensações e texturas no trabalho. Com isso, o material que melhor atingiu esses objetivos se revelou ser a tinta guache sem água, a qual foi se misturando no momento em que a escrita ia sendo confeccionada, ou seja, como se mergulhasse a pena no nanquim antes de escrever. O instrumento usado foi uma espátula de pintura plástica, que possibilitou uma concentração de tinta em algumas áreas da palavra e, ao passar sobre o papel, deixava falhas nas letras pelo fato do pigmento ser um pouco grosso.

Figura 6: Testes e materiais usados para desenvolver a obra “Nuances”.

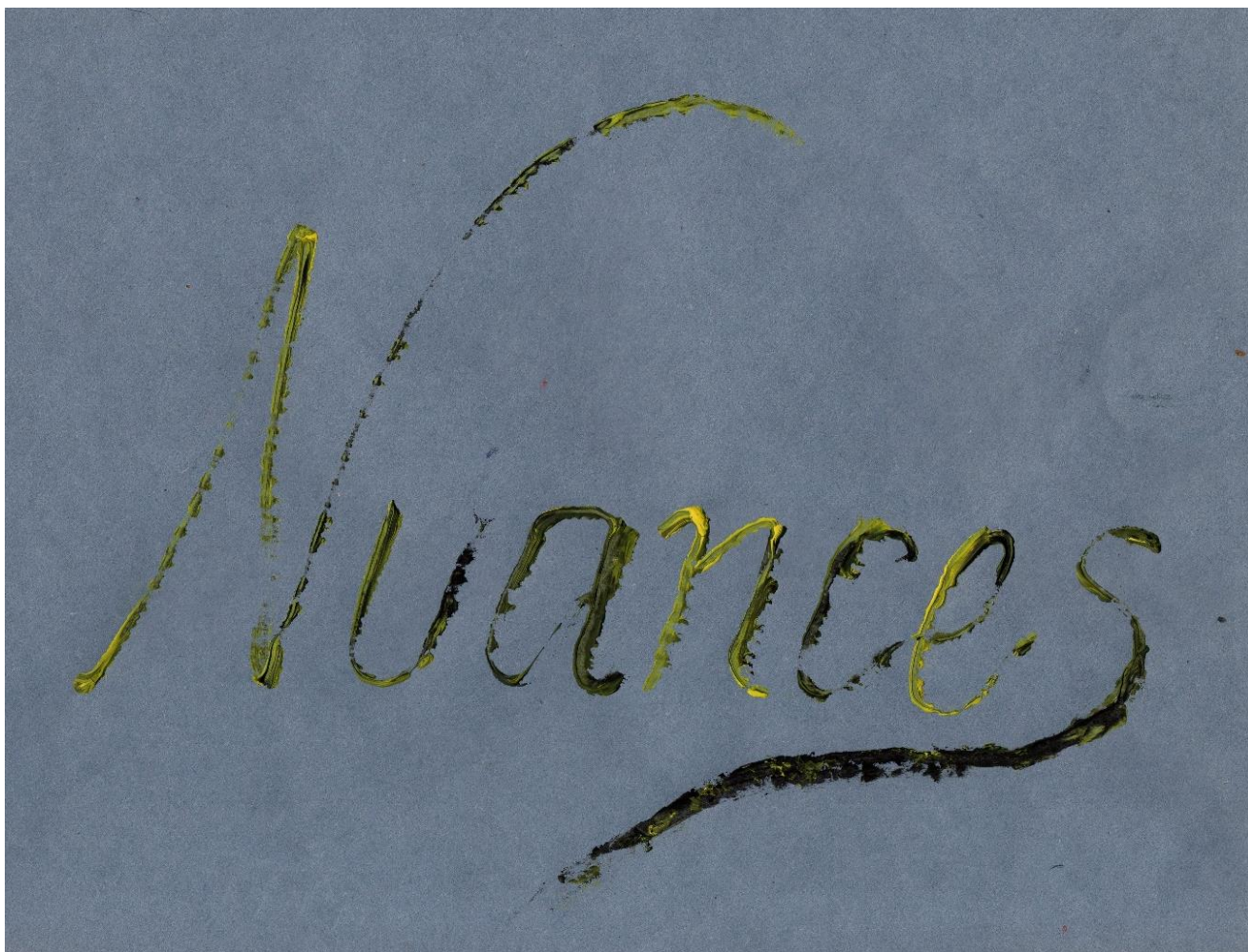


Fonte: Acervo pessoal.

Portanto, a palavra também teve bastante importância e cuidado na sua escolha, para que seu significado fosse sentido por meio do manuscrito e essa estética complementasse a produção. Por isso o tipo da tinta, o instrumento usado para desenvolver a escrita e o significado da palavra transformam-se em uma coisa só, na

qual todos esses elementos nos permitem outra percepção da obra e contribuem para a conceitualização da obra.

Figura 7: Obra “Nuances” finalizada.



Fonte: Acervo pessoal.

5.2. EMARANHADO DE LETRAS

Logo de início, essa obra causa um estranhamento pelo fato da palavra “emaranhado” se repetir várias vezes, uma por cima da outra, e com cores diferentes, gerando uma confusão visual.

Esse é o objetivo do trabalho: provocar essa desorganização e desalinho da leitura, mostrando como estamos condicionados a ler de maneira automática e, quando tem algo que quebra essa automação, nos obrigar a fazer as coisas com mais

calma, até para entender melhor o que estamos fazendo. Por isso a palavra “emaranhado”, complementa o conceito do trabalho, dando essa ideia dos diversos emaranhados que acabam surgindo, como o emaranhado da mente, da vista, da vida.

Realizar o projeto em diferentes cores nos permite essa sobreposição, mas sem tirar legibilidade da letra. O estilo da escrita foi baseado no alfabeto gótico, só que executado de maneira mais rápida, tirando um pouco essa rigidez das letras, mas transmitindo a ideia de algo formal.

Para chegar nesses pontos, foram elaborados alguns estudos da palavra e do estilo caligráfico, a fim de transmitir melhor tais conceitos. Os tipos de tintas usados foram de caligrafia e impressora, no caso da última foi escolhido por ter uma pigmentação mais intensa. O instrumento usado para fazer o trabalho final foi um *hashi*, a fim de trazer essa aparência de ponta quadrada. Já o papel, foi o canson de 180g/m².

Figura 8: Alguns estudos da obra.



Fonte: Acervo pessoal.

Este trabalho nos permite uma reflexão sobre como realizamos algumas tarefas. Um exemplo já citado é a leitura, que por muitas vezes fazemos de maneira superficial, principalmente quando se trata de um assunto que já conhecemos. E por meio desta obra, ao causar esse estranhamento, acaba quebrando essa mecânica e faz com que destinamos algum tempo para melhor compreensão das coisas.

Figura 9: Obra “Emaranhado de Letras”.



Fonte: Acervo pessoal.

5.3. DOCUMENTAL

Essa obra possui um conceito bem simples, mas o objetivo é brincar com a palavra, a sua interpretação e a superfície. A expressão selecionada, “pôr o preto no branco”, é um pouco antiga, e tem como ideia colocar por escrito os acordos feitos pelas partes conforme a legislação, assim evitando compreensões errôneas, de maneira que ninguém tente levar a melhor.

Logo o estilo da escrita tem como objetivo trazer esse caráter formal e tradicional do ditado, afinal a escrita gótica traz esse aspecto solene e de importância, por isso a escolha desse tipo de alfabeto para confecção da produção. Outro ponto foi a utilização da pigmentação preta para escrever, até porque a expressão levanta esse contraste do preto sobre o branco, tornando mais legível e eficiente o registro da informação. Por esse motivo, a determinação do papel foi o branco, assim compondo a essência dessa expressão.

É uma obra que traz outros significados sutis, ou seja, a leitura não está somente relacionada ao manuscrito, mas também nos espaços em branco da superfície. Assim como a escrita tende a representar o acordo entre as partes e o papel, o registro textual também se torna testemunha deste compromisso.

A parte mais difícil para realizar esse trabalho foi a elaboração da escrita, para que transmitisse esse aspecto formal e único. Desta forma, os materiais utilizados para confecção da obra final foram a tinta guache preta, um *hashi* para escrever e o papel sulfite comum.

Figura 10: Estudos da composição e escrita.



Fonte: Acervo pessoal.

Dessa maneira, ao pegar essa definição e trabalhá-la de forma que dialogue com a superfície, por meio do contraste das cores, do estilo da escrita, aliando com a interpretação sobre este conceito, é possível perceber a dinâmica e como esses detalhes podem definir a percepção e a criação de uma obra.

Figura 11: Obra “Documental”.



Fonte: Acervo pessoal.

5.4. O TERMO E SUA FISIONOMIA

O interessante é pensar do que uma palavra pode ser constituída. Ela não é formada somente por várias letras. É também a formação de gotas de tintas e manchas sobre um papel, no qual esses elementos juntos compõem uma palavra. São detalhes que passam muitas vezes despercebidos, mas estão presentes, mesmo que de maneira sutil.

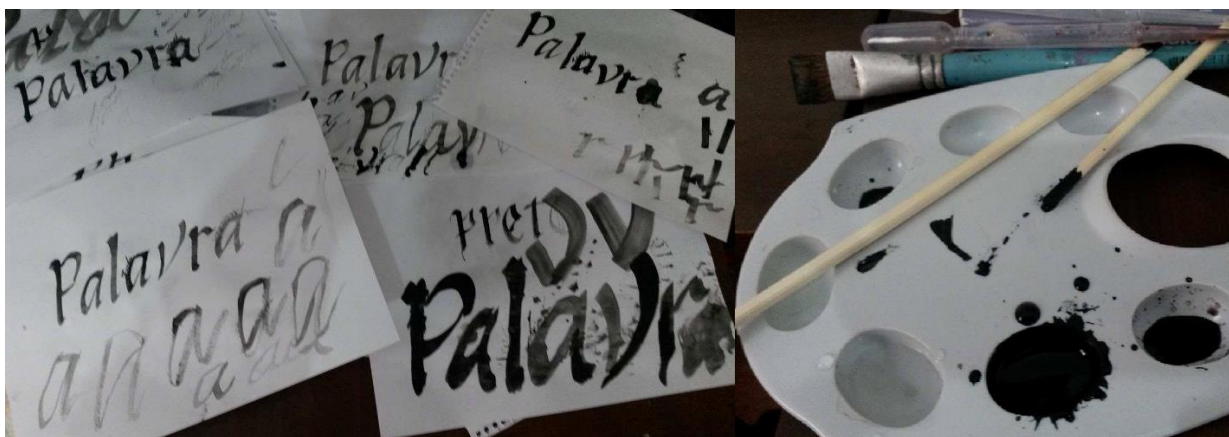
Assim, por meio deste trabalho, pode-se notar essas composições, pois os termos “tinta” e “mancha” parecem emergir ou submergir da palavra, como se esses elementos quisessem ganhar vida ou transformar algo, e a palavra tentasse mostrar do que ela pode ser idealizada e construída.

Dessa maneira o estilo da escrita foi realizado de modo que esses três termos fossem um, mas ao mesmo tempo sendo possível percebê-los individualmente. Apesar de seus significados serem diferentes, por meio da composição e tonalidades, eles estão unidos num conceito.

Para conseguir transmitir essas percepções, foram realizados diversos testes para saber qual seria o melhor papel que tivesse um resultado satisfatório na execução dos rastros e respingos, e atingir o nível de diluição da tinta guache necessária para conseguir obter esses pontos mais escuros e claros nas letras, assim causando essa estética de mancha.

Todas as letras foram feitas com o mesmo instrumento, o *hashi* de madeira, que, por meio da variação de ângulo durante a utilização desta ferramenta, permitiu confeccionar traços grossos e mais finos. Em vista disso, a versatilidade do material foi um detalhe que contribuiu na estética da obra, pois foi possível acrescentar algumas gotas de água na ponta do *hashi* antes de realizar a escrita. Isso possibilitou uma concentração de líquido em certos pontos da palavra, que para finalizar o manuscrito, foi direcionado um breve sopro de ar para esparramar um pouco a tinta.

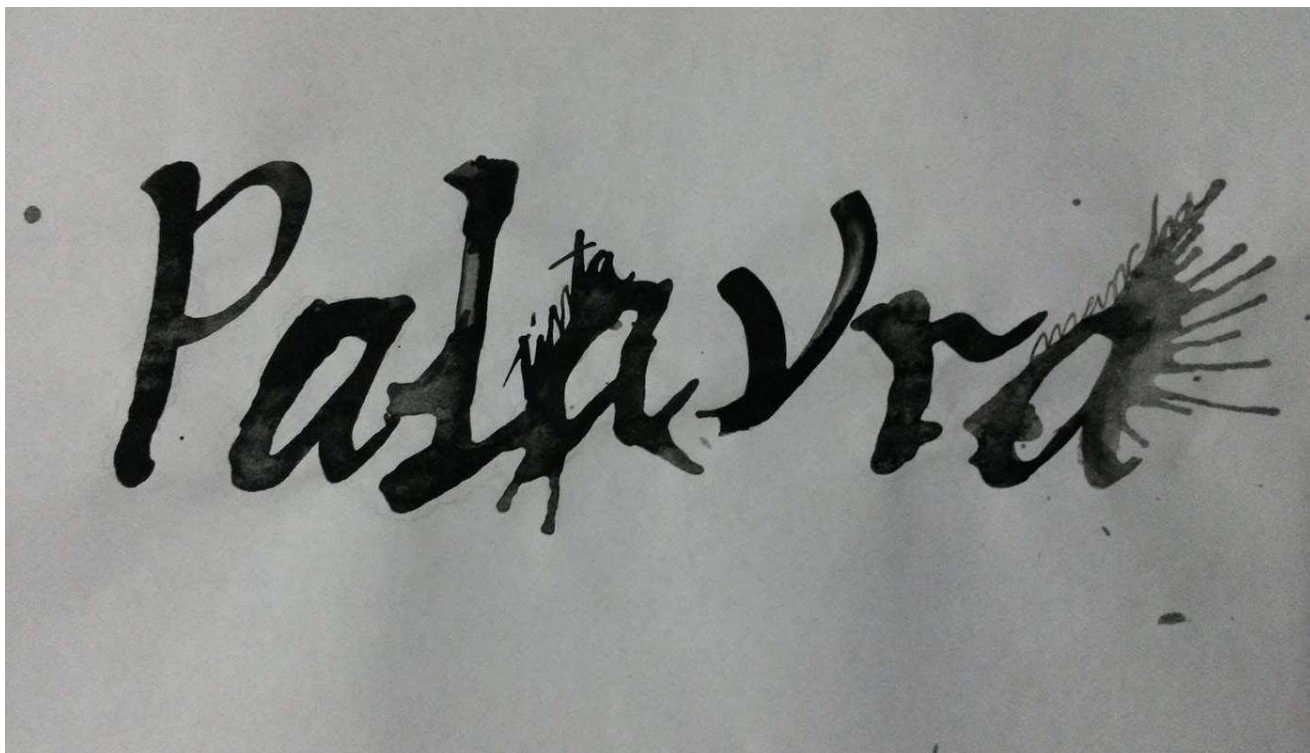
Figura 12: Experimento e materiais do trabalho.



Fonte: Acervo pessoal.

Todos esses componentes atribuíram um caráter bastante singular para a produção final, tanto na sua aparência, quanto em sua significação. Assim, foi possível observar como é a fisionomia de uma palavra, ou seja, como se suas estruturas estivessem explícitas.

Figura 13: Obra “O Termo E Sua Fisionomia”.



Fonte: Acervo pessoal.

5.5. O SANGUE

A ideia desta obra é causar sensação de desconforto e agitação, pois a cor vermelha tende a provocar sentido de alerta, irritação e certa agressividade. Esses sentimentos são transmitidos pela forma como “perigo” e “sangue” foram manuscritos no projeto. Ambos os termos possuem uma estética orgânica. “Perigo” foi confeccionado de maneira que representasse respingos e gotas de sangue, como se a superfície tivesse presenciado um homicídio, ou seja, o papel é a testemunha, a prova do que aconteceu naquele momento. Já a palavra “sangue”, foi elaborada com um aspecto mais líquido, manchado e traços contínuos, aludindo à vítima, ao ferimento, a uma energia pesada. Assim, ao sobrepô-las, complementa-se esses sentimentos de inquietação, angústia, atenção.

Este trabalho foi o que demandou mais tempo e estudo para atingir a plástica almejada, pois tive uma certa dificuldade para achar a ferramenta adequada para atribuir uma aparência que remetesse ao sangue, sendo testados diversos pincéis,

hashi, pedaço de pano, além de diferentes técnicas de força, pressão, velocidade e concentração de tinta.

Figura 14: Alguns estudos sobre papel, tinta e instrumento para a confecção da obra.

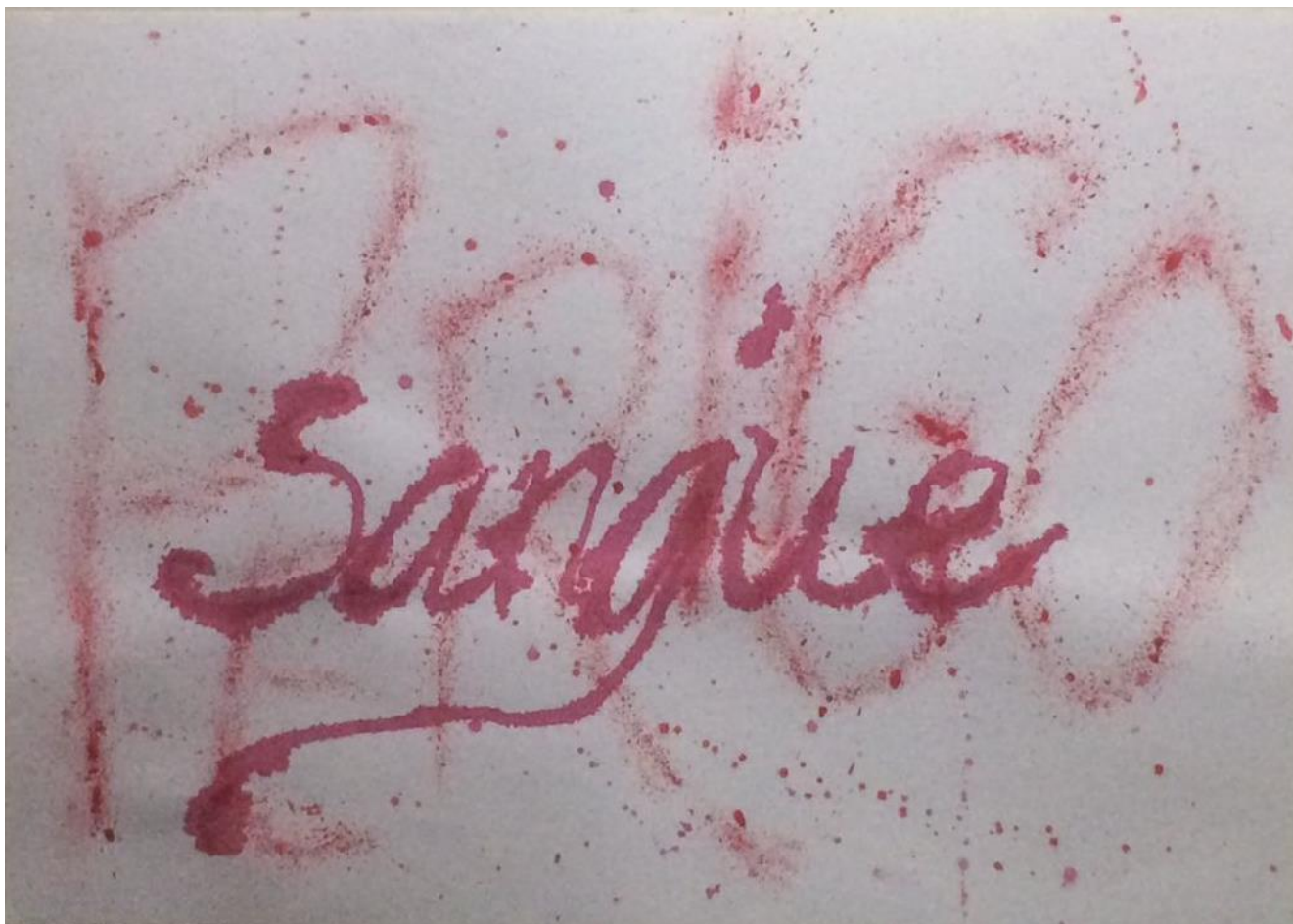


Fonte: Acervo pessoal.

Depois desses testes, os materiais selecionados foram: papel canson de 300g/m², que apresentou uma boa absorção do líquido e borrava na medida ideal; tinta aquarela e de impressora, por possuir uma pigmentação intensa e aguada, a fim de obter uma fluidez e maior controle foram um pouco mais diluídas; pipeta de plástico e pincel de ponta chata, sendo que a primeira foi escrita a palavra “sangue” e com a segunda a palavra “perigo”.

Com isso, esses elementos e estudos possibilitaram a estética desejada, que contribuiu na significação e nas sensações da obra, que por meio da escrita e sua composição, trouxeram esse aspecto de cenário criminal.

Figura 15: Obra “O Sangue”.



Fonte: Acervo pessoal.

5.6. O MAU

Essa obra tem um conceito complementar com a produção “O Sangue”, e tem o intuito de mostrar sentimentos ruins que, por meio de nossas atitudes, podem nos atingir de uma maneira negativa.

Por isso a escolha da palavra “violência”, uma ação atrelada a uma conduta passional e ligada a outras emoções, como a raiva e o ódio, sendo que a primeira nos deixa irritados e com pouco paciência, e a segunda tende a cegar nossos atos, ou seja, não nos permitindo enxergar a situação com clareza e sensatez. Ambas as sensações nos causam amargura, ressentimento, rancor e ira, dessa maneira impregnando a alma com sentimentos ruins, somente causando mal a nós mesmos e ao próximo.

Para estabelecer uma ligação entre as emoções e a palavra “violência”, as mesmas foram escritas de maneira que se conectassem, ou seja, como se uma fizesse parte da outra. Atribuir um efeito mais manchado nas letras, ressalta-se a efemeridade nas sensações. Já o breu, que surge nas bordas da folha, parece engolir ou apagar toda a esperança, com se a bondade estivesse sendo dominada por algo sombrio e sem vida.

Pelo fato do trabalho “O Sangue” apresentar uma questão passional e violenta, surgiu a ideia de trabalhar esses sentimentos com a cor vermelha, pois a mesma está ligada a comportamentos agressivos. Com isso o desenvolvimento do manuscrito foi elaborado de forma mais rápida para trazer uma aparência mais borrada e para complementar os cantos, foram feitos com tons escuros a fim de causar um aspecto trevoso.

Ao contrário dos outros trabalhos que necessitaram vários estudos, este foi realizado no definitivo, pois os materiais e a técnica foram os mesmos da obra “O Sangue”, utilizando a pipeta de plástico, para escrever, a mesma tinta e o mesmo papel, até porque já tinha o entendimento como os mesmos se comportariam e como eles seriam utilizados.

Apesar de ser um trabalho bastante simples e agregar técnicas de outras produções, essa obra possui um conceito e representação bastante intensas, porque aborda essa questão de controle do ser humano e a maneira como ele lida com as adversidades da vida.

Figura 16: Obra "O Mau".



Fonte: Acervo pessoal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento sobre o conceito da caligrafia normalmente está relacionado à alfabetização. Apesar de ser um elemento importante para o desenvolvimento da coordenação motora, a sua utilização e sua compreensão estão muito além disso, pois é um estilo de arte complexo e que faz parte de nossa história por aproximadamente 2 mil anos - no caso do alfabeto ocidental.

Normalmente essa arte é definida como caligrafia artística, mas essa terminologia se torna redundante, pois a mesma já significa “escrita bela”⁴, pela sua estética agradável e ornamentação. Dessa maneira ao falar um pouco sobre sua história, técnica, estilos e versatilidades, essa pesquisa permitiu uma compreensão do que seria a caligrafia, como ela inspira na elaboração de letras e como pode contribuir para criação das imagens verbais.

Por meio desse conhecimento e estudo foi possível perceber como trabalhar a palavra e como funciona a construção da mesma, sendo possível observar versatilidades e composições estéticas, assim contribuindo para a significação de uma obra. Além disso, foi possível perceber que, para sua execução, não é necessário usar apenas as penas metálicas ou canetas específicas, mas também outras ferramentas a fim de conseguir realizar a escrita, tudo dependendo da aparência que se deseja.

Ao analisar todos esses pontos, percebe-se que a arte caligráfica apresenta bastante diversidade e riqueza em sua elaboração. O próprio tempo nos diz sobre essas mudanças estéticas, tecnológicas e sociais e como influenciam na plástica manuscrita.

Tendo essas percepções, a poesia visual foi um forte aliado para a criação dos trabalhos artísticos, pois, ao transformar o texto poético num ideograma, trabalhar esses elementos mentais, sinestésicos, e principalmente ter essa liberdade de compor numa superfície, possibilitou uma grande variedade para a produção das obras.

Com isso, o estudo da poesia visual, tanto histórica e de suas características, contribuiu para a criação artística, pois esse estilo de arte tem como principal intuito “brincar” com a forma da palavra além de dialogar com o espaço. As obras “Nuances”

⁴ Significado da palavra caligrafia, segundo dicionário etimológico. Acessado em: DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Caligrafia**. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/caligrafia/>>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

e “Documental” trabalham esses pontos, ao idealizar os termos na superfície de maneira que agregam no conceito e entendimento sobre as mesmas.

Já a composição e a construção da palavra são mais percebidas nas demais obras, como na obra “O Mau”, onde uma ação está interligada a outros sentimentos, e no “Emaranhado de Letras”, com a percepção e estranhamento causados pela sobreposição das palavras.

Portanto, para elaboração e processo criativo, esses estilos de arte, poesia visual e caligrafia, foram importantes para idealização das obras, pois essas duas artes aliadas contribuíram para a construção e a estética das produções desenvolvidas, em que uma traz um referencial na composição e significação dos vocábulos e a outra nos permite novas aparências para as letras, assim integrando no conceito do projeto.

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIO AULETE. **Sinestesia**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/sinestesia>>. Acesso em: 13 Ago. 2017.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Caligrafia**. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/caligrafia/>>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

DICIONÁRIO MICHAELIS. **Hashi**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=hashi>>. Acesso em: 13 Ago. 2017.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Concretismo**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo9594/concretismo>>. Acesso em: 07 de Jun. 2017.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Luxo**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra33431/luxo>>. Acesso em: 29 de Jun. 2017.

GENTLY BLOWN. **Guillaume Apollinaire: Caligramas**. Disponível em: <<http://gentlyblown.wordpress.com/2014/01/04/guillaume-apolinaire-caligrama-i/>>. Acesso em: 25 Fev. 2016.

GIVERNE, Vincent. **Biographie**. Disponível em: <<http://www.guillaume-apolinaire.fr/biographie.htm>>. Acesso em: 11 Jun. 2017.

HARRIS, David. **A Arte da Caligrafia: Um Guia Prático, Histórico e Técnico**. São Paulo. Editora Ambiente & Costumes, 2009.

HEITLINGER, Paulo. **Alfabetos: Caligrafia e Tipografia**. 1ª edição. Lisboa, Portugal. Editora Dinalivro, 2010.

OLIVEIRA, Valdevino Soares. **Poesia e Pintura: Um Diálogo em Três Dimensões**. São Paulo. Editora Unesp, 1998.

RIBEIRO, Eunice. **Ver. Escrever. José Régio, O texto Iluminado**. 1999. 371. Tese (Doutorado em Estudos Humanísticos) – Universidade do Minho, Braga.

SILVA, J. M. R. **A Linguagem do Espaço – Tempo: As Inter-relações da Arte Cubista e os Meios Inforacionais**. 2002. 136. Tese (Doutorado em Concentração em Linguagens das Poéticas Visuais) – Faculdade de Arquitetura e Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, Bauru.

STRICKLAND, Carol. **Manuscritos Iluminados**. In: STRICKLAND, Carol. *Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 27.